

EDIÇÃO COMEMORATIVA

2 anos de

FETQUIM



uma publicação da Federação dos Trabalhadores do Ramo Químico da CUT no Estado de São Paulo

Agosto - 2009



OUSADIA, TRANSPARÊNCIA E COMBATIVIDADE

Fetquim constrói uma história de conquistas e se prepara novos desafios

DIRETORIA

DIRETORIA COLEGIADA EXECUTIVA

Geraldo Melhorine Filho – Coordenação Política

Arlei Medeiros da Mata – Secretaria Geral

Nilson Mendes da Silva – Secretaria de Administração e Finanças

Wanderley Salatiel – Secretaria de Formação

Valdir Lourenço de Souza – Secretaria de Comunicação

Erasmoo Carlos Izabel – Secretaria de Políticas Sindicais

Ionara Carvalho Cruz – Secretaria de Políticas Sociais

Luiz Carlos Gomes – Secretaria de Assuntos Jurídicos

Nilza Pereira de Almeida – Secretaria de Gênero

Milton Pereira da Hungria – Secretaria de Saúde e Meio Ambiente

SUPLENTE COLEGIADO EXECUTIVO

Sebastião Carlos Pinto dos Santos

CONSELHO FISCAL

Elizabeth Maria da Silva

Gerson Luiz dos Santos

Paulo Tranqüilino Dantas

SUPLENTES CONSELHO FISCAL

Célia Alves Passos

Lida Carlos Bernardo Primo

Leônidas Sampaio Ribeiro

EXPEDIENTE

Esta é uma publicação da **Federação dos Trabalhadores do Ramo Químico da CUT do Estado de São Paulo - Fetquim**. **Jornalista responsável:** Denise Simeão (Mtb 9167/RS). **Textos:** Denise Simeão – Fabiano Garrido – Júlio César Sacramento – Reginaldo Euzébio da Cruz - Thomaz Ferreira Jensen. **Colaboração:** Assessoria de Imprensa dos Químicos de São Paulo – Edo Cerri – Gislene Madarazzo – Marli Clementino – Vanessa Carvalho. **Foto da capa:** Edo Cerri **Fotos:** Dino Santos **Projeto gráfico e diagramação:** Selma Quinália. **Tiragem:** 45 mil

UMA EXPERIÊNCIA VITORIOSA

Esta revista comemorativa, por ocasião do aniversário de dois anos da Fetquim, reflete um pouco dessa trajetória. Aborda temas que foram importantes durante esse período nos debates e na organização dos sindicatos no estado.

A Fetquim sempre buscou cumprir seu papel de organizar os setores combativos do movimento sindical no ramo, lutando pela melhoria das condições de vida dos trabalhadores e trabalhadoras e da sociedade como um todo.

Pela grande importância do Estado de São Paulo, a direção da Fetquim tem consciência do desafio de cumprir um papel de referência nacional nos acordos e conquistas importantes para o ramo químico.

Mesmo em momento de crise econômica, a federação teve a clareza de orientar seus sindicatos filiados a não fazerem acordos que pudessem reduzir ou flexibilizar direitos dos trabalhadores e trabalhadoras. Pautou as negociações coletivas com o objetivo de buscar novas conquistas para a categoria profissional, ousando na construção de propostas que pudessem melhorar salário e condições de trabalho, sempre com a responsabilidade de não vender falsas ilusões. São experiências, conquistas e concepções que a Fetquim quer compartilhar.

É reconhecido o papel da informação na sociedade contemporânea, sobretudo na disputa de hegemonia na sociedade. A classe dominante, através da mídia empresarial e tradicional, tenta legitimar o seu domínio. Cabe ao movimento sindical aprimorar a comunicação com a classe trabalhadora e com toda a sociedade.

A publicação desta revista também tem esse objetivo de contribuir um pouco com esse processo de informação e formação da classe trabalhadora.



SUMÁRIO

HISTÓRIA

Dois anos de Fetquim

Do debate inicial, em 2003, sobre a construção da federação às campanhas salariais vitoriosas, os passos da entidade que representa cerca de 70% da categoria no ramo químico em São Paulo.....

5

Entrevista com Geraldo Melhorine

O coordenador político da Fetquim avalia trabalho de dois anos e aponta desafios para a federação.....

7

Parceria

Representantes de entidades dos trabalhadores em nível nacional e internacional falam da importância da Fetquim.....

9

Químicos do ABC

Sindicato que participou dos movimentos grevistas que deram origem ao Novo Sindicalismo se destaca pela organização na base e pela atuação nas redes de trabalhadores.....

10

Químicos de São Paulo

Com 76 anos de história, sindicato acompanhou todos os momentos históricos do país e tem entre as suas principais bandeiras a redução da jornada de trabalho.....

12

Químicos Unificados

Com importante experiência de unificação entre Osasco, Campinas e Vinhedo, sindicato tem forte atuação em saúde e meio ambiente e destacada relação com movimentos sociais.....

14

CONQUISTAS

Conquistas econômicas e sociais

Campanhas salariais coordenadas pela Fetquim conseguem aumento real nos salários e cláusulas inovadoras.....

16



Edo Cerri

Campanha Salarial 2004: sindicatos filiados já construam a unidade na luta

40 horas semanais

Enquanto medida é debatida no Congresso Nacional, trabalhadores do setor farmacêutico já conquistaram a redução da jornada.....

18

Ampliação da licença maternidade

Lei 11.770 é conquista, mas é preciso manter a organização para que esse direito seja assegurado e para que haja avanços.....

20

Benefícios do INSS

Luta dos trabalhadores fez com que INSS agilizasse a realização das perícias quando for solicitada a prorrogação de afastamento. Essa mudança e cláusula na Convenção Coletiva impedem que trabalhador fique sem receber.....

22

DESAFIOS

Nanotecnologia

Avanço tecnológico deve ser acompanhado de debate e esclarecimentos entre os trabalhadores e a sociedade em geral.....

24

Setor plástico em debate

O desafio de defender o meio ambiente e manter o emprego.....

26

Aumenta tendência à precarização

A crise econômica pode ser usada para piorar condições de trabalho. Movimento sindical deve lutar para manter e ampliar direitos.....

28

HISTÓRICO



Brasília: Fetquim participa de ato em apoio ao veto da Emenda 3. (2007)

FETQUIM

CONQUISTA SEU ESPAÇO

A construção da Fetquim, entre 2006 e 2007, foi coerente com a política desenvolvida a partir da década de 1980 pelo movimento sindical combativo que se expressava na Central Única dos Trabalhadores (CUT). Desde a fundação da Central, em 1983, a orientação era esvaziar as federações e confederações oficiais pelo fato de que as mesmas não se relacionavam com o movimento real e, tampouco, correspondiam aos anseios das categorias profissionais.

Dessa forma, foram implementados os departamentos nacionais e estaduais. O departamento nacional do ramo químico foi um deles e, poste-

riormente, deu origem à Confederação Nacional do Ramo Químico (CNQ). O objetivo era unificar a campanha salarial dos sindicatos cutistas do setor.

Em 2003, os sindicatos do ramo químico do Estado de São Paulo iniciaram o debate dentro da CNQ a respeito da criação da federação, com o objetivo de unificar e estruturar melhor a luta no estado. Nesse processo, sindicatos importantes do ramo assumiram a proposta: Químicos do ABC, Químicos de São Paulo e Químicos Unificados (Osasco, Campinas e Vinhedo).

O registro da federação foi obtido em 23 de junho



I Congresso da Fetquim, em Louveira, reuniu 81 delegados

de 2006, mas sua primeira diretoria tomou posse em 10 de agosto de 2007. A partir de então, a Federação dos Trabalhadores do Ramo Químico da CUT do Estado de São Paulo - Fetquim deixava de ser um sonho para se transformar em realidade.

Em 30 de janeiro de 2008, a Fetquim filiou-se à CUT e, em fevereiro de 2009, realizou seu Primeiro Congresso com o lema “Fortalecer a organização, defender direitos e avançar nas conquistas”.

Foi uma caminhada trabalhosa e, por vezes, dolorosa, como a perda de um dos idealizadores do

projeto e primeiro coordenador político da federação, Marcelo Peres, às vésperas da posse da direção, em um acidente de carro. Mas também tem sido uma jornada vitoriosa, com campanhas salariais de bons resultados e aprofundamento de debates de temas importantes relativos ao mundo do trabalho.

A Fetquim vem se estruturando política e fisicamente. Desde 2007 conta com sede própria. É composta por dez secretarias e abrange cerca de 125 mil trabalhadores e trabalhadoras, representando quase 70% da categoria no ramo no Estado de São Paulo.

Posse da primeira Diretoria da Fetquim, em 10 de agosto de 2007



Seminário da Fetquim prepara Campanha Salarial de 2007





"RESPEITO E UNIDADE SÃO IMPORTANTES"

Geraldo Melhorine teve a difícil tarefa de assumir a Coordenação Política da Fetquim após o falecimento de Marcelo Peres. Oriundo do ABC paulista, Melhorine passou a integrar a direção do Sindicato dos Químicos no ano 2000. Antes disso, já havia sido cipeiro por quatro mandatos na empresa Tintas Coral. Com uma visão coletiva de trabalho, destaca a importância do respeito e da unidade para o êxito da federação.

O que diferencia a Fetquim de outras federações existentes?

Geraldo Melhorine - A Fetquim tem transparência nas negociações, pois envolve a categoria. Dá oportunidade, inclusive, de acompanhamento das negociações do começo ao fim, além de manter a categoria informada de tudo. Isso vem trazendo resultados positivos. Outro ponto que merece destaque é a união e o respeito que os sindicatos que fazem parte da Fetquim desfrutam.

Como você avalia o papel desses sindicatos no processo de construção da federação?

Melhorine - Importantíssimo. As atividades em

conjunto, o respeito e a unidade foram e são muito importantes para o fortalecimento da Entidade.

Após dois anos, qual é o balanço da atuação da Fetquim?

Melhorine - Excelente. Somos referência hoje como modelo de federação. Melhoramos muito as condições de vida da nossa categoria através da Convenção Coletiva de Trabalho. Somos pioneiros em garantir a redução da jornada de trabalho na Convenção, em assuntos como a nanotecnologia, igualdade de direitos, preocupação com emprego e renda. Isso nos tornou, em apenas dois anos, exemplo de luta na categoria.

Quais são os desafios da Fetquim para o próximo período?

Melhorine - Criar uma entidade é uma coisa. Mantê-la se torna um desafio muito maior. Temos que fortalecê-la trazendo mais sindicatos e, ao mesmo tempo, fortalecendo os sindicatos já filiados. Queremos manter e ampliar essa credibilidade que conquistamos nesses apenas dois anos de existência. O respeito e a união serão primordiais para que isso aconteça.

FET QUÍMICA

Federação dos Trabalhadores do Ramo Químico
da CUT no Estado de São Paulo



EM DEFESA DA CLASSE

“ No Estado de São Paulo temos a experiência acumulada de organização, de luta dos companheiros e companheiras químicas. Essas experiências podem ser articuladas e mostradas para outras categorias, como o avanço da organização a partir dos locais de trabalho, o debate da formação sindical e da comunicação, que são estratégicos na disputa de hegemonia na sociedade brasileira. E, com certeza, a Fetquim tem uma história muito rica para essa demonstração de experiências vitoriosas na organização e na luta.”



Artur Henrique
Presidente da Central
Única dos Trabalhadores - CUT

“ A Fetquim surgiu da vontade dos trabalhadores químicos de terem uma organização estadual forte que unificasse os sindicatos químicos. Sua prioridade é encaminhar lutas por aumento real, redução da jornada de trabalho, avanços nas cláusulas sociais. A Fetquim irá contribuir para o fortalecimento e ampliação da influência da CUT neste novo cenário de reconhecimento das centrais sindicais, além de ajudar nas políticas de combate à terceirização e pela ratificação da convenção 158 da OIT.”



Aparecido Donizeti da Silva
Coordenador Geral da Confederação
Nacional do Ramo Químico - CNQ

“ A Fetquim é fruto da iniciativa dos sindicatos do ramo químico da Intersindical e da CUT no Estado de São Paulo. Mesmo com as diferenças políticas com os sindicatos cutistas, nós da Intersindical, que na Fetquim representamos os Químicos Unificados, trabalhamos para construir a unidade na luta para defender e ampliar os direitos de trabalhadoras e trabalhadores. Defendemos uma federação plural e combativa, que contribua na disputa ideológica com o capital, na perspectiva de uma sociedade socialista.”



Arlei Medeiros
Coordenação
Nacional da Intersindical

“ De tudo que eu poderia destacar da Fetquim, que são muitas coisas importantes, gostaria de ressaltar o trabalho com as multinacionais que foi uma decisão da última plenária da federação. Para nós da ICEM tem tudo a ver. É a questão das redes de trabalhadores, as campanhas em relação à terceirização, aos jovens e às mulheres. Creio esses espaços que a Fetquim tem dado, são fundamentais para o crescimento não só no Estado de São Paulo, como em nível nacional e internacional.



Sérgio Novais
Presidente Regional da ICEM
(Federação Internacional dos
Sindicatos da Química,
Energia e Mineração)
para América Latina e Caribe

PIONEIRISMO E **PODER DE TRANSFORMAÇÃO**

Fundado em 1938, o Sindicato dos Químicos do ABC tem, ao longo dos seus 70 anos, desempenhado um papel ímpar na organização da categoria química e nas lutas gerais da classe trabalhadora.

No final da década de 1970, junto aos metalúrgicos, os químicos integraram os movimentos grevistas no ABC que geraram o Novo Sindicalismo e o

surgimento de uma grande liderança que se tornou o primeiro operário eleito Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva.

Com a vitória da oposição nas eleições sindicais de 1982, tiveram início as gestões marcadas pelos princípios de democracia e pelo pioneirismo em diversas ações, como a fundação e construção da CUT.

Um dos pontos que diferencia o sindicato é sua atuação na área de saúde e segurança do trabalhador. Foi o primeiro a desenvolver um modelo de organização sindical nessa área. Suas lutas contra a contaminação dos trabalhadores pelo benzeno, chumbo e mercúrio ficaram conhecidas nacional e internacionalmente.

O sindicato também é exemplo na política de organização no local de trabalho, com as Comissões de Fábrica, delegados sindicais e o Sistema Único de Representação (SUR). Os coletivos e comissões garantem espaço para os jovens, mulheres, aposentados, entre outros.

Abraçando a política de redes de trabalhadores em empresas do mesmo grupo econômico, o sin-



Protesto contra o fechamento da Rhodia e a demissão de 190 trabalhadores. (2001)



Passeata pelas ruas de Santo André durante greve na Rhodia. (1959)

Acervo Químicos ABC

dicato participa hoje das redes Quattor, AkzoNobel, Solvay e BASF América do Sul, que procuram estabelecer um diálogo social com temas do trabalho decente e desenvolvimento sustentável.

Destaca-se ainda a sua participação propositiva no esforço de desenvolvimento econômico e social do Grande ABC. O Pólo de Cosméticos de Diadema e a Jornada Cidadã no Combate à Exploração e Violência Sexual Infantil são exemplos dessa contribuição.

O Sindicato dos Químicos do ABC tem cerca de 900 empresas instaladas na sua base, com 40 mil trabalhadores e trabalhadoras.

Trabalhadores em ato no Pólo Petroquímico. (2003)



COMPROMISSO

“Nossa história na Fetquim começa a partir da luta do companheiro Marcelo. A missão iniciada por ele é um forte compromisso dos(as) químicos(as) do ABC: fortalecer a Fetquim no seu papel de liderar as políticas do ramo em todo o Estado de São Paulo, atuando não só nas reivindicações econômicas, mas nas discussões que envolvem a saúde do trabalhador, o desenvolvimento social e a preservação do meio ambiente”.



Paulo Lage
Presidente do Sindicato
dos Químicos do ABC

QUÍMICOS SP



Sindicato presente nas mobilizações



Fotos: Acervo Químicos SP

Químicos de SP na construção de um sindicalismo combativo na década de 1980

UMA HISTÓRIA DE 76 ANOS

O Sindicato dos Químicos e Plásticos de São Paulo tem 76 anos de história. Nasceu em 1933 representando os trabalhadores da Companhia São Paulo de Gás. Desde então, protagonizou importantes lutas de interesse da categoria e da sociedade. Seja na grande greve de 1957, nas reuniões clandestinas na época da ditadura, na luta por democracia ou na construção de um sindicalismo combativo e de uma nova Central Sindical, a CUT, o sindicato sempre esteve presente.

Em todo esse período, os químicos e plásticos atuavam em dois sindicatos diferentes. Em ambos os setores, na década de 1980, foram organizados grupos de oposição sindical. O objetivo era um sindicalismo combativo e livre de todas as amarras da ditadura. Esses grupos foram vitoriosos. Em 1982, os químicos venceram as eleições sindicais. Não demorou muito e, em 1985, os plásticos também venceram.

Isso possibilitou a mobilização em conjunto. A primeira conquista foi a redução da jornada de trabalho, sem a redução de salários, de 48 horas semanais para 44. O processo de unificação estava em gestação e, em 1993, aconteceu o Primeiro Congresso Unificado que apontou para a unificação com eleição para uma única diretoria, já em 1994.

Na década de 1990, com as políticas neoliberais

Anos de chumbo: movimento enfrenta a ditadura



dos governos Collor e FHC, a luta foi contra a tentativa de retirada de direitos dos trabalhadores. Com a eleição de Lula, a proximidade ideológica com o presidente atribuiu mais responsabilidade na representatividade dos trabalhadores. As lutas históricas continuam: liberdade sindical, democracia, trabalho digno, respeito aos seres humanos, defesa das mulheres, defesa da diversidade racial, respeito à diversidade sexual, jornada de trabalho de 40 horas, defesa das minorias, apoio aos movimentos populares.

Momento importante do país: a luta pelas Diretas



Campanha Salarial de 2001: ato de entrega da pauta reivindicatória

OUSADIA

“Não é possível falar da importância da Fetquim sem resgatar a ousadia dos trabalhadores do ramo químico, particularmente no estado, desde os anos 80 com as iniciativas de construir nossas instâncias alternativas às instâncias legais. Primeiramente, com o departamento nacional, que depois se tornou a CNQ, e agora a Fetquim. Nesses dois anos a federação mostrou a sua importância para a vida dos trabalhadores, quando coordenou com muita competência e habilidade campanhas salariais com saldo positivo.”



Osvaldo da Silva Bezerra
Coordenador da Secretaria
de Administração dos
Sindicato dos Químicos
de São Paulo



CONSTRUINDO A UNIDADE DOS QUE LUTAM

Greve na EMS durante a Campanha Salarial do setor farmacêutico em 2009

O Sindicato Químicos Unificados é uma entidade surgida com a unificação dos sindicatos dos ramos químicos, plásticos, farmacêuticos, abrasivos e similares de Campinas, Osasco, Vinhedo e regiões. A unificação foi inicialmente aprovada por 93% da categoria nas bases dos três sindicatos, em plebiscito por voto secreto realizado em 2001.

A decisão foi referendada em Congresso de Base para a Unificação, realizado em março de 2002. Esse processo fortaleceu as lutas da categoria e tornou a entidade uma referência em várias áreas como saúde e meio ambiente e na relação com outros movimentos sociais.

40 mil na base

O Sindicato Químicos Unificados é uma organização construída por aproximadamente 40 mil trabalhadoras e trabalhadores nas cerca de 1.200 empresas da categoria instaladas em 19 municípios da base territorial das regiões de Campinas, Osasco e Vinhedo.

Mobilização, lazer e cultura

Além da luta política pelos direitos da categoria, da classe trabalhadora e dos explorados e marginalizados pela sociedade capitalista, e sempre apontando para a construção da sociedade justa e igual para



Greve na Rhodia (2008)



Intersindical e Movimento dos Trabalhadores Sem Teto apóiam greve em Campanha Salarial (2009)

todos, a sociedade socialista, o Unificados possui estruturas para formação e lazer de seus associados e familiares.

São os Centros de Formação e Lazer (Cefol), nas regionais de Campinas e Osasco. Eles possuem espaços para cursos, palestras e debates, mais áreas com piscinas, palcos, quadras de esportes e futebol. Ambos estão com obras em andamento.

O Unificados também possui colônias de férias em Caraguatatuba e Praia Grande.

Luta ambiental é destaque na atuação do sindicato. (2005)

Edo Cerri



CAPACIDADE DE PRESSÃO

“Os Químicos Unificados entendem que a Fetquim é um espaço muito importante para a luta e o fortalecimento dos trabalhadores. É muito difícil um sindicato sozinho conseguir sucesso numa campanha salarial ou desenvolver uma campanha que tenha um volume maior e com capacidade de pressão. Então, a Fetquim cumpre um papel importante para nós, de representação no Estado de São Paulo. “

Nilza Pereira de Almeida
SECRETÁRIA DE GÊNERO
DA FETQUIM E
DIRIGENTE DOS
QUÍMICOS UNIFICADOS





Campanha Salarial 2008: entrega da pauta com participação da categoria

CAMPANHAS GARANTEM ACORDOS FAVORÁVEIS AOS TRABALHADORES

As campanhas salariais coordenadas pela Fetquim têm sido marcadas pela firmeza, coerência e ousadia. Características que, somadas à mobilização impulsionada na categoria através de greves, paralisações e protestos, trouxeram aumento real e cláusulas inovadoras nos acordos coletivos tanto dos químicos quanto dos farmacêuticos nestes últimos dois anos.

O êxito dessas campanhas se deu pela força dos sindicatos filiados e pela habilidade da Fetquim em conduzir os processos de forma respeitosa e unitária, sempre contando com importantes apoios como a CUT, CNQ, Intersindical e DIEESE.

Seja através de seminários ou plenárias, ou na própria forma de entregar a pauta reivindicatória - na presença dos trabalhadores e trabalhadoras e dentro do sindicato - a Fetquim sempre procurou envolver ao máximo a categoria, refletindo suas reais necessidades.

Aumento acima da inflação

As duas campanhas salariais do setor químico encabeçadas pela Fetquim obtiveram ganhos reais para os trabalhadores. Em 2007, o reajuste de 6,7% repôs a inflação e significou um aumento de 1,83%. A conquista foi repetida na campanha do ano seguinte, com 9% de reajuste, sendo que 1,87%

foi de ganho acima da inflação.

Segundo o levantamento das negociações salariais realizado pelo DIEESE (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos), em que são analisados os resultados de 100 negociações coletivas realizadas em todo o Brasil, observamos que, em 2008, cerca de 55% dos acordos coletivos do setor industrial obtiveram aumento entre 1% e 1,5% acima da inflação, enquanto apenas 25% das categorias conseguiram aumento real acima de 1,5%, como foi o caso dos químicos. Em 2009, considerando os efeitos da crise econômica, apenas 8% dos acordos coletivos obtiveram aumentos reais de 1,5% acima da inflação.

O setor farmacêutico, além da importante conquista da redução da jornada, que atribui maior valor à hora trabalhada, obteve 6,5% reajuste em 2008 e 6% em 2009, representando aumento acima da inflação de 0,95% e 0,08% respectivamente.

Conquistas sociais e temas inovadores

Após a criação da Fetquim, houve importantes avanços em pautas sociais nas Convenções Coletivas. O objetivo de muitas cláusulas é combater a precarização do trabalho, o assédio moral e toda forma de discriminação no local de trabalho.

Entre os destaques está a inclusão de uma recomendação para que as empresas reconheçam a união estável de pessoas do mesmo sexo, em relação aos direitos sociais e trabalhistas.

Outro ponto que deve ser ressaltado é a proibição de qualquer tipo de discriminação nos processos seletivos, tais como raça, idade, gênero, orientação sexual, estado civil, nacionalidade.

Conheça outros direitos:

- **Terceirizados** – garantia do direito à segurança, saúde e treinamento adequado. As tomadoras de serviços devem informar todos os riscos dos locais onde exercem as atividades.
- **Pessoas com deficiência** - criação de fórum com entidades patronais e Ministério do Trabalho para avançar nas discussões sobre qualificação profissional das pessoas com deficiência.
- **Direitos da mulher**
 - Aborto legal** - As trabalhadoras terão 15 dias de licença em caso de aborto legal, mais 60 de estabilidade ou de garantia de salário após a realização do aborto.
 - Gestantes** - Além do previsto na Constituição, há garantia de emprego ou salários no período da confirmação da gravidez até cinco meses após o parto.
- **Estudantes** - Garantia de manutenção de horário compatível com os horários de estudo e abono das faltas para o ENEM e o Provão de Ensino Superior.
- **Filho excepcional** – Aumento do auxílio de 80% para 90%.
- **Prevenção** - Discussão sobre a proteção do meio ambiente, prevenção da AIDS, nanotecnologia e saúde da mulher na SIPAT.

Participação: Fetquim estimula debate para construção de pauta reivindicatória



JORNADA DE 40 HORAS

Acervo Químicos SP

TRABALHAR MENOS, VIVER MELHOR!

Wagner de Freitas Thomaz, 45 anos, trabalha há 16 como encarregado de produção no Laboratório Homeopático Almeida Prado, em São Paulo. Sua rotina de trabalho, como a de milhões de pessoas, inicia muito cedo, às 7 horas. Na maior parte dos dias, após trabalhar e enfrentar o trânsito só chegava em casa por volta das 19h30min.

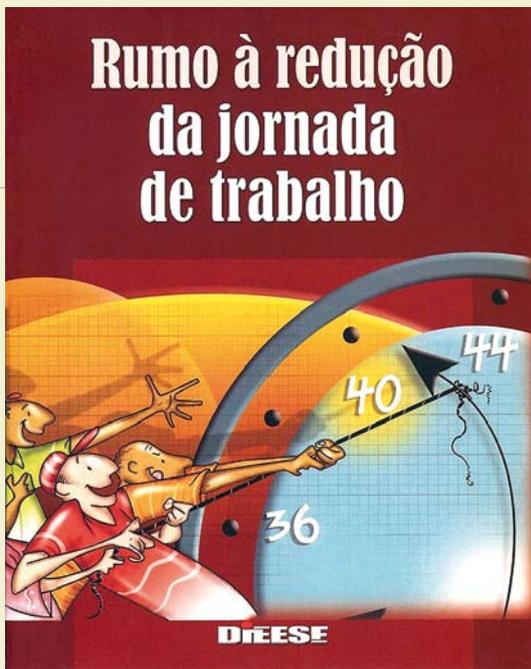
Essa realidade mudou para ele e para milhares de trabalhadores e trabalhadoras do setor farmacêutico de São Paulo. Em 2006, o acordo coletivo já havia estabelecido que a jornada de trabalho fosse reduzida de 44 para 42 horas. A redução para 40 horas, uma conquista histórica, que beneficia cerca de 37 mil trabalhadores e trabalhadoras no estado, foi obtida em 2008 na campanha salarial conduzida pela Federação dos Trabalhadores do Ramo Químico da CUT do Estado de São Paulo – Fetquim. A cláusula vai na contramão do que muitos setores patronais tentam fazer ao propor a retirada direitos e redução



Jornada de 40 horas é bandeira constante nas mobilizações

de jornada somente com redução de salário. “Neste momento em que o tema é debatido no Congresso Nacional, nossa conquista pode servir de exemplo”, afirma Nilson Mendes da Silva, secretário de administração e finanças da federação.

No atual contexto sócio econômico, a redução da



jornada de trabalho, além de ser uma forma de combater o desemprego, pois estimula a empresa a contratar mais em vez de incrementar o número de horas trabalhadas, melhora a condição de vida dos trabalhadores. O trabalhador Wagner Thomaz diz que chegar mais cedo em casa melhora o convívio e a participação na educação dos filhos, além de abrir novas perspectivas. “Muitos colegas tiveram interesse em voltar a estudar. Eu mesmo estou pensando em voltar a cursar meus estudos, pois tranquei a faculdade no terceiro ano”, afirma.

O sociólogo francês Alain Bihr, em seu livro “Da Grande Noite à Alternativa - o movimento operário europeu em crise” afirma que “defender o princípio de uma redução da duração do trabalho necessário é retomar relações com um dos mais antigos e mais constantes eixos da luta do proletariado contra a exploração”.

Portanto, a redução da jornada, sem redução de salários, ainda é uma das principais lutas dos trabalhadores neste início de século 21. Uma bandeira que a Fetquim manteve erguida e que luta para estender aos setores químicos e plásticos.

UMA LUTA HISTÓRICA

A luta pela redução da jornada de trabalho vem do início da revolução industrial, no século XIX, quando trabalhadores, trabalhadoras e crianças trabalhavam até 18 horas diárias. Com as palavras de ordem “oito horas para trabalhar; oito horas para dormir e oito horas para o lazer e para instruir-se”, surgiram algumas das principais datas do calendário das lutas dos trabalhadores.

Em 8 de março de 1857, em Nova York, nos Estados Unidos, operárias de uma fábrica de tecidos fizeram uma greve por melhores condições de trabalho e pela redução da jornada de 16 para 10 horas diárias. Essa data importante passou a ser o Dia Internacional de Luta das Mulheres.

No dia 1º de maio de 1886, operários da cidade de Chicago, também nos Estados Unidos, iniciaram manifestações pela redução da jornada de trabalho de 16 para oito horas diárias. A data se tornou o Dia de Luta dos Trabalhadores.

Devido às lutas, em 1919 a Organização Mundial do Trabalho (OIT) limitou a jornada a 8 horas diárias e 48 horas semanais. Essa Convenção foi ratificada por 52 países.

No Brasil, as mobilizações pela redução da jornada de trabalho iniciaram nas primeiras décadas do século 20, sendo que as mais notórias aconteceram em São Paulo em 1907, 1912 e em 1917.

A Constituição de 1934 estabeleceu o critério da OIT e, posteriormente, com a Constituição de 1988, a jornada foi reduzida para 44 horas semanais. Esta conquista também foi fruto de mobilizações, a partir do surgimento de um sindicalismo combativo no final da década de 1970.

Na década de 1990, com o avanço das políticas neoliberais em todo o mundo, o movimento sindical brasileiro se voltou mais para a defesa dos direitos já conquistados, mas a redução da jornada nunca deixou de ser uma bandeira importante.

MANTER A LUTA PARA GARANTIR OS 180 DIAS



Aprovada em setembro de 2008, a Lei 11.770, que amplia para 180 dias o período de licença maternidade é uma conquista importante para as trabalhadoras brasileiras. Para o setor público, a lei começou a valer a partir deste ano. Já as trabalhadoras do setor privado poderão usufruir deste direito, em tese, a partir de 2010.

No entanto, essa pauta não está superada. A legislação não obriga as empresas a concederem a ampliação da licença, mas o coloca como opção em

troca de benefícios fiscais, e as trabalhadoras devem manifestar, perante as empresas, que desejam ter o período de licença maternidade ampliado. Segundo a secretária de gênero da Fetquim, Nilza Pereira de Almeida, a categoria deve continuar pressionando o setor patronal e ficar atenta a situações que coloquem em risco a possibilidade do benefício. “Para estarem aptas a receber os incentivos fiscais, as empresas têm que estar com a situação regularizada perante os órgãos públicos, e muitas não estão”, afirma.

Esse caráter facultativo da lei, mantém a necessidade de que o tema seja debatido nas negociações coletivas e garantido nas Convenções. E é exatamente isso que a Fetquim tem feito colocando a licença maternidade de seis meses como bandeira de luta permanente e na database.

A dirigente da Fetquim alerta ainda para a pressão exercida pelos patrões para que as trabalhadoras não peçam a prorrogação da licença. “Eles dizem que seis meses de afastamento deixariam a pessoa defasada e isso prejudicaria sua carreira profissional. Muitas trabalhadoras, com medo de perder o emprego, acabam engolindo esse argumento”, observa Nilza.

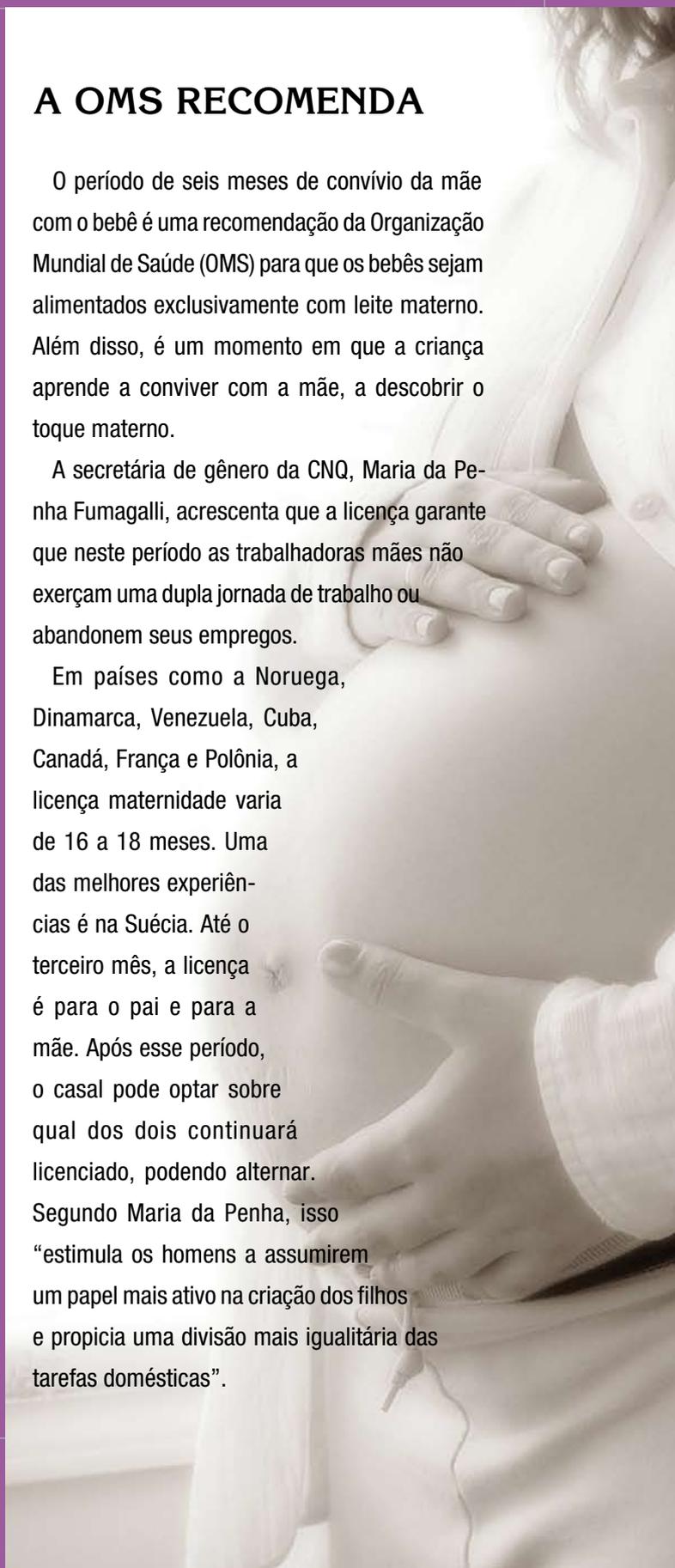
Para a secretária de gênero da Confederação Nacional do Ramo Químico (CNQ), Maria da Penha Fumagalli, é preciso investir em conscientização. “Temos que divulgar a lei para que as trabalhadoras façam uso deste benefício, caso contrário será uma conquista que cairá no esquecimento”, afirma a dirigente que teve uma experiência positiva no fim do ano passado. Duas empresas do ABC paulista fecharam acordo com o sindicato para garantir a licença de seis meses, a CGE e a CBC, sendo esta última a empresa pela qual Maria da Penha é contratada e que teve a primeira trabalhadora que usufruiu do benefício. “Não foi fácil. Tivemos que buscar a conscientização das trabalhadoras, tivemos que mostrar para as empresas que não aumentaria o absenteísmo, pois as mulheres são as que menos faltam nos locais de trabalho, e tivemos que buscar a solidariedade dos trabalhadores para lutarmos juntos, homens e mulheres, em busca dessa conquista”.

A OMS RECOMENDA

O período de seis meses de convívio da mãe com o bebê é uma recomendação da Organização Mundial de Saúde (OMS) para que os bebês sejam alimentados exclusivamente com leite materno. Além disso, é um momento em que a criança aprende a conviver com a mãe, a descobrir o toque materno.

A secretária de gênero da CNQ, Maria da Penha Fumagalli, acrescenta que a licença garante que neste período as trabalhadoras mães não exerçam uma dupla jornada de trabalho ou abandonem seus empregos.

Em países como a Noruega, Dinamarca, Venezuela, Cuba, Canadá, França e Polônia, a licença maternidade varia de 16 a 18 meses. Uma das melhores experiências é na Suécia. Até o terceiro mês, a licença é para o pai e para a mãe. Após esse período, o casal pode optar sobre qual dos dois continuará licenciado, podendo alternar. Segundo Maria da Penha, isso “estimula os homens a assumirem um papel mais ativo na criação dos filhos e propicia uma divisão mais igualitária das tarefas domésticas”.





Protesto defronte à Central de Perícia da Previdência Social, em Campinas (2008)

Fotos: João Zinclar

PRESSÃO PARA GARANTIR OS BENEFÍCIOS

A Fetquim vem mostrando especial preocupação com um dos temas que, nos últimos anos, vem ganhando cada vez mais importância nas pautas sindicais: a saúde do trabalhador. Além das questões que envolvem diretamente o dia a dia do trabalho, como segurança, prevenção, condições adequadas para o desempenho das funções, existe uma demanda crescente em relação ao INSS.

As reclamações feitas pela categoria profissional

aos sindicatos vão desde a alta programada, o não estabelecimento denexo causal, até a suspensão e não concessão de benefícios. Medidas que muitas vezes levam as pessoas a trabalharem doentes ou ficarem um período sem renda. “Chegamos a atender uma média de oitenta trabalhadores por mês no sindicato referente a casos do INSS”, afirma Glória Nozella Lima, diretora da Secretaria de Saúde dos Químicos Unificados.

Na alta programada, o trabalhador é afastado por um período determinado, devendo retornar ao trabalho em data pré-estabelecida, sem levar em conta suas reais condições de saúde. Já o não estabelecimento do nexu causal é uma forma de desresponsabilizar as empresas, pois muitas vezes o trabalhador adquire uma doença em consequência da sua ocupação, mas isso não é reconhecido. Outra situação, diz respeito à demora na realização das perícias. O trabalhador que necessitar prorrogar o período de afastamento por motivo de saúde deve fazer a solicitação quinze dias antes do término do benefício. O problema era que a nova perícia sempre era marcada para depois desse prazo. Dessa forma, as pessoas chegavam a ficar meses sem nenhuma remuneração.

Situações como essa eram constantes na vida de Cláudio José Rodrigues de Oliveira, 47 anos. Com uma lombociatalgia diagnosticada no período em que trabalhava na empresa Merck Sharp, passou por vários períodos de licença em que aguardava novo

laudo, sem receber salário da empresa ou benefício do INSS. “É uma situação terrível. Me mantive com a ajuda da família”, lembra Cláudio.

O grande número de casos semelhantes ao de Cláudio detectados em suas bases levou o Sindicato Químicos Unificados a colocar uma cláusula específica na Convenção Coletiva dos Farmacêuticos estabelecendo que o trabalhador que apresentar pedido de prorrogação ou reconsideração para manutenção de benefício de incapacidade laborativa, terá salário assegurado desde a data da solicitação até a conclusão pericial, limitado a um período de 60 dias.

A diretora da Secretaria de Saúde do sindicato, Glória Nozella Lima, afirma que é uma conquista importante, e que o próprio INSS, fruto das várias mobilizações realizadas pelos trabalhadores, já passou a agendar as perícias num prazo mais curto. “É uma demonstração de que a nossa luta pode mudar essa situação. Precisamos manter a pressão para garantir atendimento digno aos segurados”, reforça.



Glória Nozella Lima, dirigente da Secretaria de Saúde do Químicos Unificados, fala em protesto no INSS, em Campinas (2008)

NANOTECNOLOGIA



Trecho de cartilha elaborada por Fundacentro, Renanosoma, DIEESE, DIESAT e IIEP

IMPACTO DAS NANOTECNOLOGIAS

Em dois anos de história, a Fetquim já é pioneira num tema novo e ainda pouco difundido no movimento sindical brasileiro: os impactos que a introdução das nanotecnologias nos processos produtivos das indústrias químicas e farmacêuticas pode trazer à saúde dos trabalhadores e ao meio ambiente.

As nanotecnologias manipulam a matéria na escala de átomos e moléculas. A unidade de medida é o nanômetro, que equivale a um bilionésimo do metro. Para se ter uma idéia, um grão de areia está para a distância entre as cidades de São Paulo e Brasília,

cerca de 1.126 km, assim como um nanômetro está para um metro.

Moléculas em escala tão pequena têm grande relação superfície/volume, responsável por novas propriedades físicas e químicas, como aumento da reatividade química na superfície da nanopartícula.

Processos produtivos baseados em nanotecnologia conseguem alterar formas, fórmulas e funções de produtos que já fazem parte da nossa vida. Alguns produtos que já contam com materiais nanoestruturados são tecidos resistentes a manchas e que não amassam, tintas para carros à prova de riscos,

embalagens de plástico para alimentos que permitem maior durabilidade ao produto, cosméticos que são mais rapidamente absorvidos pelo corpo e vidros que não retêm água ou poeira.

Hoje a nanotecnologia movimentada no comércio internacional cerca de US\$ 147 bilhões por ano. Estima-se que o mercado de nanomanufaturados chegará a US\$ 2,4 trilhões em 2014, o que significará 15% de todos os produtos manufaturados globais contendo algum nanomaterial em sua fabricação.

A ausência de estudos mais profundos comprovando que tais elementos e materiais não representam riscos à saúde e ao meio ambiente levam cientistas a sugerir cautela nas pesquisas e na utilização das nanotecnologias. Ainda são pouco conhecidos os efeitos biológicos da nanotecnologia sobre o meio ambiente e o comportamento humano. Um forte motivo para a sociedade abrir amplo debate sobre o assunto, especialmente para os trabalhadores diretamente ligados à produção, entre eles os químicos.

O ramo químico cutista vem fazendo este debate. Já em junho de 2007, em seu V Congresso, a CNQ definiu pela necessidade de ampliar o debate sobre o tema com a sociedade, as universidades e as empresas.

Em agosto de 2008, a Secretaria de Saúde, Trabalho e Meio Ambiente do Sindicato dos Químicos do ABC, em parceria com o Diesat (Departamento Intersindical de Estudos e Pesquisas de Saúde e dos Ambientes de Trabalho), organizou um debate sobre nanotecnologias, com palestrantes da Fundacentro (Fundação Jorge Duprat Figueiredo de Segurança e Medicina do Trabalho), Renanosoma (Rede de Pesquisa em Nanotecnologia, Sociedade e Meio

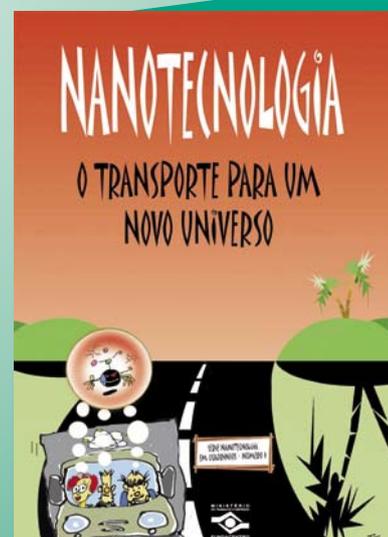
Ambiente) e DIEESE (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos).

Estas atividades culminaram com a elaboração de uma cláusula sobre nanotecnologias que foi apresentada pela Fetquim na negociação coletiva dos químicos, em novembro de 2008, e dos farmacêuticos, em abril deste ano.

A cláusula reivindicava que a empresa informasse os membros da CIPA e ao sindicato sobre a introdução de materiais nanoestruturados em seus processos produtivos, disponibilizando informação sobre os possíveis riscos à saúde dos trabalhadores e as medidas de proteção adotadas.

As empresas aceitaram apenas incluir o tema como recomendação às SIPAT, o que aconteceu. Assim, as Convenções Coletivas dos químicos e a dos farmacêuticos são as primeiras do Brasil a incluir o tema das nanotecnologias como tema para cursos com os trabalhadores da categoria.

A partir desta inclusão, cabe aos sindicatos que integram a Fetquim organizar processos formativos. Como material de apoio, já há uma cartilha em quadrinhos elaborada pela Fundacentro, Renanosoma, DIEESE, DIESAT e IIEP (Intercâmbio, Informação, Estudos e Pesquisas) que introduz o tema para os trabalhadores. Outro material específico para o ramo químico já está em fase de elaboração.



Capa da cartilha sobre nanotecnologia

DEFESA DO MEIO AMBIENTE GARANTIA DE EMPREGO

Com as crescentes pressões ambientais em torno dos produtos plásticos, em especial as sacolas utilizadas no comércio, a Fetquim tem se preocupado em aprofundar o debate para responder aos desafios de sustentabilidade, qualificação e emprego sem que uma questão se contraponha à outra.

A federação sabe da importância da preservação do meio ambiente e assume sua responsabilidade social sempre manifestando de alguma forma a sua preocupação ambiental. Porém, essa discussão não pode ser realizada apenas com o olhar na terceira geração da cadeia produtiva. A produção dos produtos plásticos implica na consideração dos impactos de todo o processo produtivo, desde a extração da matéria prima até o uso e descarte final do produto.

Apesar de ser um dos elos da cadeia produtiva petroquímica, o processo de fabricação de produtos plásticos não pertence ao gênero indústria petroquí-

mica, mas sim ao da indústria de transformação.

Esta cadeia produtiva é dividida em três elos, denominados geração. Na primeira geração, temos as centrais petroquímicas ou centrais de matérias primas que, através da nafta petroquímica e do gás natural, geram os produtos petroquímicos básicos como eteno, propeno, butadieno, benzeno e paraxileno. Na segunda geração, temos as indústrias que convertem os petroquímicos básicos em produtos intermediários como o polietileno.

Entre esses produtos estão as resinas termoplásticas que são matérias primas que têm como





destino a indústria de transformação de materiais plásticos, a chamada indústria de terceira geração. Através dos processos de injeção, sopro ou extrusão de materiais, de acordo com a indústria, transforma as resinas termoplásticas em produtos finais como fibras têxteis, materiais para a construção civil, autopeças, embalagens, brinquedos, utilidades domésticas, entre outros.

Diferentemente das indústrias petroquímicas (primeira e segunda geração), as empresas do setor plástico são bastante heterogêneas, tanto no que diz respeito ao porte, quanto à destinação final de seus produtos. Podemos encontrar desde microempresas até empresas de grande porte ligadas ao capital internacional e a outras cadeias produtivas importantes, produzindo uma ampla gama de produtos para diferentes segmentos de mercado.

A distribuição dos segmentos no mercado de transformados plásticos está cada vez mais equilibrada. Em 2005, a produção de embalagens representou 42% do total dos produtos de transformados plásticos, sendo que neste mesmo ano, as embalagens plásticas representaram 32% do total da produção de todos os tipos de embalagens produzidas no país. Em 2006, os números da aplicação dos produtos plásticos no segmento de embalagens

não foram totalmente desagregados, conforme os dados do Perfil da Indústria Brasileira de Transformação de Materiais Plásticos (ABIPLAST, 2006). As embalagens rígidas representaram 11% e os filmes flexíveis e laminados (que contemplam as embalagens flexíveis) representaram 42% do total da produção de materiais plásticos. Já em 2007, o segmento de embalagens representou 14,5%.

Segundo o IBGE, em 2006, a participação do Estado de São Paulo no Brasil, no que se refere ao valor da produção total de transformados plásticos, foi de cerca de 50%, concentrando 47% das unidades produtivas e com 62% de participação no total exportado pelo país. Isso mostra a importância do setor no estado.

A maioria das empresas é de pequeno porte, embora a participação das médias e grandes seja maior em São Paulo do que no restante do Brasil. Em termos de emprego, diferentemente dos outros setores da cadeia produtiva, o setor plástico apresenta-se como um setor intensivo em mão-de-obra. Os dados da ABIPLAST mostram que, em 2007, o setor empregava 317.232 pessoas em todo o país, sendo 86,6% deste total organizados em apenas sete estados, tendo o Estado de São Paulo 45,4% do total do pessoal ocupado, ou seja, empregando aproximadamente 144 mil trabalhadores.

Com esse cenário, caberá à Fetquim levantar e coordenar as discussões, inicialmente, junto aos seus sindicatos filiados que visem, por um lado, a preservação do meio ambiente, e por outro lado, a constante luta pela melhoria das condições de trabalho e saúde, pela redução de jornada de trabalho e pela garantia de emprego.

CRISE INCIDE NAS CONDIÇÕES DE TRABALHO

Desde 2004 o Brasil passa por uma gradual melhora do nível de estruturação de seu mercado de trabalho nacional, devido principalmente aos efeitos do crescimento econômico sobre o aumento do emprego formal (emprego com carteira assinada). Mas com a crise econômica, esta situação tende a sofrer uma significativa regressão.

Além da perda de quase um milhão de empregos desde novembro de 2008, quando os efeitos da crise internacional começaram a ter repercussão no Brasil, outra consequência para a precarização do mercado de trabalho está no aumento do uso de mão-de-obra sem contratação formal e na redução da renda advinda do trabalho.

Nas previsões oficiais, o Brasil poderá crescer apenas 1% do PIB. E as empresas utilizam-se deste expediente para tentar reduzir os custos da mão-de-obra, pressionando para que os trabalhadores, diante de um quadro de desemprego, aceitem vender sua força de trabalho por um menor custo abrindo mão de direitos trabalhistas.

Um quadro de recessão também agrava a situação das famílias pobres, contribuindo para o aumento do trabalho infantil, utilizado como um recurso para

“compensar” a queda desta renda familiar. O que irá agravar um quadro já dramático, em que mais de cinco milhões de jovens entre cinco e 17 anos de idade trabalham no Brasil, segundo dados do IBGE, apesar de a lei estabelecer 16 anos como a idade mínima para o ingresso no mercado de trabalho.

Além do trabalho infantil, há ainda a questão de gênero, a questão racial e do trabalho forçado. O desemprego mundial, para termos uma idéia, afeta em maior grau as mulheres e os jovens, sendo a taxa de desemprego feminino 1,4 vez superior à masculina, e a taxa de desemprego dos jovens é o dobro da taxa de desemprego total em 2005. As desigualdades raciais e de gênero são ainda mais elevadas quando se analisa as diferenças de renda nos setores mais precários do mercado de trabalho. A OIT (Organização Internacional do Trabalho) estima em 12,3 milhões o número de pessoas vivendo em situação de trabalho forçado, dos quais quase 10% se situam na América Latina. Situação que pode se agravar com a crise econômica.

Até o final de 2009, segundo a OIT, a crise econômica irá produzir cerca de 50 milhões de



Dia Nacional de Luta contra a crise, em 30 de março de 2009. Fetquim participou do ato na Av. Paulista

novos desempregados no mundo – ano em que o crescimento da economia mundial sofrerá uma significativa retração. No Brasil, segundo algumas previsões, a taxa de desemprego pode chegar a 11% até o início do segundo semestre de 2009, registrando um aumento da taxa de desemprego medida pelo IBGE em dezembro de 2008 que foi de 7,5% e chegou a 9% em março deste ano. Estes dados reforçam a tendência de aumento da precarização do mercado de trabalho e o agravamento dos problemas estruturais.

Em 2004, dos cerca de 85 milhões de trabalhadores brasileiros, mais da metade não havia concluído o 1º grau ou não contribuía com a previdência. Adicionalmente, mais de 1/3 dos ocupados eram obrigados a realizar o sobretraba-

lho, acumulando horas extras e riscos de doenças e acidentes de trabalho, para obter uma renda minimamente aceitável. Um em cada três trabalhadores brasileiros recebiam uma renda inferior a um salário mínimo ou se enquadrava na categoria de não-remunerados e de ocupados no setor de subsistência.

As melhoras observadas neste quadro, até meados de 2008, estão agora ameaçadas pela crise. Até onde as medidas que vêm sendo adotadas pelo governo serão capazes de reverter esta tendência de regressão, é uma questão que ainda está por ser respondida. Mas o combate a essas tendências desfavoráveis e, mais especificamente, à precarização do trabalho é um dos grandes desafios do movimento sindical brasileiro.



PARA SEMPRE, PRESENTE!

A criação da Fetquim tem no companheiro Marcelo Peres Ribeiro um de seus mais destacados e dedicados militantes.

A conhecida frase “para o que der e vier” se encaixa perfeitamente na relação que Marcelo tinha com a luta dos trabalhadores. Sempre com alegria, disposição, responsabilidade, ética e respeito.

Quando entrou para o Sindicato dos Químicos do ABC, no início da década de 1990, Marcelo já tinha um trabalho na Comissão de Fábrica da Pebra (atual Seeber Fastplas). Da coordenação da subsede de Diadema, Marcelo tornou-se secretário geral e de imprensa na eleição da diretoria do sindicato em 2000, trazendo inovações.

Em 2001, Marcelo passou a integrar a direção da

Confederação Nacional do Ramo Químico – CNQ. Começa, então, a luta pela construção da Federação dos Trabalhadores do Ramo Químico da CUT do Estado de São Paulo – Fetquim.

Sua atuação pautada pelo diálogo, pela unidade e pelo respeito foi fundamental para que o sonho de criar uma federação combativa se tornasse realidade.

Marcelo Peres Ribeiro foi o primeiro coordenador político da Fetquim. Infelizmente, no dia 21 de julho de 2007, a menos de um mês da posse, foi vítima de um acidente fatal de carro.

Nesses dois anos que a Fetquim comemora, fica uma certeza: a cada luta, a cada conquista, Marcelo Peres Ribeiro está presente em nossos corações e mentes.

ENDEREÇOS

FETQUIM

Rua Xavier de Toledo, 99 – 6º andar – Centro – São Paulo

Tel.: (11) 3231-3393

www.fetquim.org.br

Sindicato dos Químicos do ABC

Av. Lino Jardim, 401 – Vila Bastos - Santo André

Tel.: (11) 4433-5800

www.quimicosabc.org.br

Sindicato dos Químicos e Plásticos de São Paulo

Rua Tamandaré, 348 - Liberdade – São Paulo

Tel: (11) 3209-3811

www.quimicosp.org.br

Sindicato Químicos Unificados

Campinas: Av. Barão de Itapura, 2022 – Tel.: (19) 3735-4900

Osasco: Praça Joaquim dos Santos Ribeiro, 265, km 18 -

Tel.: (11) 3608.5411 **Vinhedo:** Rua: José Matheus Sobrinho,

494 – Tel.: (19) 3886-6264

www.quimicosunificados.com.br

FETQUIM

Trabalhadores do Ramo Químico
do Estado de São Paulo



Rua Xavier Toledo, nº 99 - 6º andar conjunto 12 | Centro | São Paulo | SP
T 55 11 3231-3393 | www.fetquim.org.br